



## MEMÓRIA E CONSTRUÇÃO DAS NARRATIVAS DE CONVERSÃO RELIGIOSA

LEITE, Monique Sá Teixeira  
*Estudante de mestrado do Programa PPGMS*  
msatleite@gmail.com

242

**Resumo:** Neste artigo, a estrutura da narrativa de conversão é o principal foco de discussão. A conversão é descrita como um gênero narrativo que aborda as experiências de vida de homens e mulheres de nosso cotidiano, que buscam a semelhança com Cristo, a partir de sua aceitação. Entre outros aspectos, as narrativas de conversão revelam o contraste entre o presente e passado, indicando a transformação da vida, deixando para trás um passado de sofrimento, para viver o presente, livre de todos os problemas. Muito mais do que uma mera resposta flexível aos questionamentos da sociedade, a narrativa de conversão pode ser interpretada sob dois aspectos: a expressão da forma como o convertido se vê, ou seja, uma espécie de auto-análise e, como um gênero narrativo – foco específico deste artigo - que relata as experiências de vida de homens e mulheres que podemos encontrar em nosso cotidiano, tendo na “aceitação a Jesus Cristo” a medida de sua transformação.

**Palavras-chave:** Memória, narrativa, identidade.

**Abstract:** In this article, the structure of the narrative of conversion is the main focus of discussion. The conversion is described as a narrative genre that deals with the life experiences of men and women of our daily lives, seeking Christlikeness, from their acceptance. Among other things, the conversion narratives reveal the contrast between past and present, indicating the transformation of life, leaving behind a past of suffering, to live in the present, free of all problems. Much more than just a flexible response to the questioning of society, the narrative of conversion can be interpreted from two aspects: the expression of how you see the converted, ie, a kind of self-analysis and, as a narrative genre - specific focus of this article - which recounts the life experiences of men and women that we find in our daily lives, taking the "acceptance of Jesus Christ" to measure its transformation.

**Keywords:** Memory, narrative, identity.



## **INTRODUÇÃO:**

A partir das experiências passadas, constrói-se o mundo social dos indivíduos envolvidos. Sendo assim, a narrativa possui uma sequência temporal; faz referência a eventos fora do cotidiano; descreve um evento particular do passado; traz um motivo ou razão que ocorre em um determinado contexto. Quando relatam suas histórias, os indivíduos entrelaçam a produção narrativa à produção de identidades, criando um universo que situam a si mesmos e aos outros, tendo em vista elementos como crenças, valores e relações sociais. Os narradores constroem um claro contraste entre as identidades do passado e do presente. A conversão pentecostal estabelece uma dinâmica sincrética com outras religiosidades, principalmente com as religiões afro-brasileiras. Esta opção leva em conta que o fluxo de informações e influências no interior do campo evangélico é constante e intenso, de forma que as fronteiras entre as correntes sempre estejam se redefinindo e reassentando. Por incorporar inúmeros traços de uma “teologia da prosperidade”, tem se relacionado diretamente com a mudança de comportamento e adesão a novas ou ampliadas redes compartilhadas, cujo atrelamento está inserido na própria escolha do indivíduo. As conversões ocorrem segundo os mais diferentes caminhos, níveis de adesão, tal como acontece a qualquer adesão individual a códigos culturais específicos. Mas o imperativo ético do respeito ao direito ao livre-arbítrio é um valor central entre os crentes nos mais diferentes países — o que não significa que sempre seja cumprido. A noção de identidade é uma construção utilizada por diversos campos, como por exemplo, a linguagem. Esse conceito determina nosso posicionamento no mundo, portanto, qualquer definição mais precipitada pode excluir sua complexidade e elementos relevantes para sua compreensão.

## **MEMÓRIA:**

O sofrimento é a principal característica do relato de conversão religiosa. A partir dele, podemos entender como as pessoas definem suas existências e como conduzirão suas ações na sociedade. Narrar uma experiência de conversão pressupõe a recuperação da memória de acontecimentos passados e, sua adequação aos acontecimentos vividos no presente. Sendo assim, o processo de conversão se estrutura em três eixos principais: transformação gradual e contínua (Rambo apud Bastos&Santos, 2009); memória como construção social (Halbwachs,



2006) e discursiva embasada na perspectiva do presente (Mishler; Jarvinen, apud Bastos&Santos, 2009). Ao estudar testemunhos de conversão religiosa, William James ([1902] 2004) observou que um dos elementos peculiares a esse tipo de experiência, é que ela “começa com a necessidade absoluta de uma ajuda superior e termina com a sensação de que Ele [Deus] ajudou”. (Bastos&Santos, 2009) Este tipo de testemunho apresenta o contraste entre o passado, sem a experiência de conversão; e o presente, com a experiência de conversão.

A construção da lembrança é determinada por um contexto social específico, cuja memória individual é construída pela influência exercida pela memória coletiva, dentro da perspectiva desenvolvida por Halbwachs. O contexto é o fator determinante na escolha de quais lembranças irão prevalecer em detrimento de outras. Em pesquisa anterior (Bastos e Santos, 2006), já havíamos observado que “ao narrarmos fazemos um trabalho de recriação constante no qual o passado é resgatado, tendo-se em vista a perspectiva do presente (ou do contexto no qual a narrativa é produzida), ao mesmo tempo em que damos indicações de como agiremos no futuro” (Bastos&Santos, 2009) A perspectiva do presente norteia a construção de narrativas, indo ao encontro da percepção de Halbwachs (2006) “Recolocamos os diversos detalhes dentro de um outro conjunto que nosso pensamento não abrange mais.”

As histórias constroem, dentre outros elementos, a situação comunicacional e os seus objetivos. As escolhas são feitas baseadas em diferentes propósitos, tais como a tentativa de convencimento dos ouvintes de que nossa opinião é mais válida do que outras; a criação e o fortalecimento de relações interpessoais; mostrar a capacidade dos convertidos em lidar com determinadas situações que sempre tem como base o trabalho de criação, o tempo presente e o fortalecimento das redes sociais. Sendo assim, a memória é uma construção social e discursiva do passado, selecionada pela perspectiva do presente (Halbwachs, 2006). Entendemos que tal mudança “implica a aceitação de um novo locus de auto-definição, um novo, embora não necessariamente exclusivo, ponto de referência para a identidade de alguém. (...) conversão é uma questão de crença e de estrutura social, de fé e de afiliação”. (Bastos&Santos, 2009) O processo de conversão representa a mudança identitária que envolve a relação de uma rede de lugares, pessoas, instituições e etc.

A memória contida na experiência de conversão é construída sobre bases comuns; semelhante em muitos pontos com outras narrativas da mesma natureza: “não basta reconstituir pedaço a pedaço a imagem de um acontecimento passado (...), é preciso que esta reconstrução



funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros”. (Bastos&Santos, 2009) O indivíduo adepto do novo locus religioso tem sua memória condicionada a uma estrutura social da religião cristã, cuja narrativa constituiu uma parte importante e estruturada por uma tradição religiosa estabelecida (cristianismo de natureza protestante ou evangélica). Ayometzi (apud Bastos&Santos, 2009) aponta que os relatos de conversão moldam a identidade dos narradores para que eles possam:

acessar e utilizar para adequar a sua experiência individual de conversão dentro dos limites da estrutura definida do relato de conversão, de suas partes recorrentes, cenários e características. Mais importante, esta apropriação faz com que eles sejam membros aceitáveis deste grupo particular. Ou seja, a forma de agir de acordo com o comportamento esperado de ser um cristão, para os membros desta comunidade, é mostrada através de seu envolvimento ativo em comportamentos definidos como cristãos, tais como o de testemunhar a sua fé para os outros. (Bastos&Santos, 2009)

A identificação com um conjunto de ideias e valores previamente constituídos reforça e estabelece os laços sociais, influenciando o discurso individual e as expectativas individuais, que são formatados pela memória coletiva. Os discursos de conversão se adequam aos objetivos, intenções, contexto, ocasião e ouvintes, por meio de recursos de linguagem selecionados e organizados. O uso do discurso direto; a inserção de personagens marcantes e a construção progressiva dos acontecimentos mostra que a narrativa é um ato social, por meio do qual as pessoas realizam performances identitárias. No *ethos* evangélico, de acordo ao contexto, a palavra evangélica tem o poder de realizar coisas. A perspectiva do presente e a memória social do novo grupo, ao qual o convertido pertence, constrói a memória dos acontecimentos passados:

Para que nossa memória se auxilie com a dos outros, não basta que eles nos tragam seus depoimentos: é necessário ainda que ela não tenha cessado de concordar com suas memórias e que haja bastante pontos de contato entre uma e as outras para que a lembrança que nos recordam possam ser reconstruída sobre um fundamento comum.” (Halbwachs, 2006)

Suplicar a Deus pelo fim do sofrimento é fundamental dentro desse processo. O “milagre” implorado só será alcançado pelas pessoas, que mediada pela Igreja, utilizarem todos os elementos disponíveis e ao seu alcance. A cura espiritual e material está relacionado com a redenção espiritual, refletindo no corpo o que possui no *ethos* (Geertz apud Bastos&Santos, 2009) evangélico, uma contraparte espiritual invisível (alma ou espírito). O indivíduo



convertido expressa essa relação em dois campos: no campo da moral, através da adesão a nova religião considerada “verdadeira”, em negação a anterior, vista como “falsa”; e no corpo físico, gozando sempre de boa saúde. Em suas pesquisas sobre relatos de conversão, o autor Ayometzi enfatiza que os membros das igrejas evangélicas: “utilizam a analogia da doença/enfermidade para explicarem a função da igreja como um lugar no qual os crentes serão curados, concebendo, assim, o funcionamento da igreja como o de um hospital e vendo a si próprios como sofredores de enfermidades”. (Bastos&Santos, 2009)

Os relatos de vida são o entrelace e o reflexo das narrativas similares à memória social do grupo ao qual pertencemos: “Estamos então tão bem afinados com aqueles que nos cercam, que vibramos em uníssono, e não sabemos mais onde está o ponto de partida das vibrações, em nós ou nos outros.” (Halbwachs, 2006)

#### **NARRATIVA:**

Segundo uma pesquisa realizada no Rio de Janeiro, no ano de 1994, 70% dos membros não nasceram em famílias evangélicas. De 70% dos convertidos, metade estava na igreja há menos de seis anos e 28% foram convertidos há menos de três. A quantidade de conversões é proporcional às diversas denominações, na rearticulação do campo evangélico e seu contexto fora dele. Essas proporções são inversas no caso da Assembleia de Deus, onde 56% frequenta a igreja há mais de sete anos. No que concerne à população total de evangélicos no Rio de Janeiro (12% de acordo o Censo de 1991), 61% vieram do catolicismo, 16% da umbanda e candomblé e 6% do kardecismo. (Mafra, 2000)

Alguns autores rejeitam a categoria de conversão para compreenderem melhor o sincretismo presente nos processos de mudança, simplificando a interpretação do processo. A proposta de pesquisa gira em torno dos processos sociais; das trocas simbólicas e elaborações simbólicas; os contextos de mudança caracterizados pela redefinição de fronteiras; as inovações e invenções que termina por pontuar as mudanças religiosas. Os sistemas simbólicos foram transformados em interação, na medida em que segundo Claudia Mafra (2000), toda conversão envolve um exercício de tradução por não guardar um passado de pré-conversão de um grupo social ou outro.



Porém, quando jogamos luz apenas no diálogo intersubjetivo através das fronteiras, corremos o risco de reduzir a importância do indivíduo nos processos mais sincréticos por valorizarmos o contexto e o sistema simbólico de relação. O maior aproveitamento dos estudos estaria em unir a participação individual no processo, especialmente naqueles que não há processos sociais estabelecidos, com maior propensão para a intervenção individual. Sobretudo, no caso dos pentecostais, a conversão e o testemunho perpassam nitidamente pela questão de transformação do eu.

Como fica evidente em outros experimentos sociais de apoio à transformação de trajetórias traumáticas — alcoólicos, casais violentos, minorias oprimidas (Soares 1999) — a transformação individual não se faz de uma só vez, com a substituição de uma fonte de sentido por outra, mas exige um trabalho lento de reconstituição de referentes do passado e do presente da pessoa, que muitas vezes tem que lidar com categorias latentes de significado. (Mafra, 2000)

O que deve ser aceito, o que tem de persuasivo e, que deve ser combatido porque se revela ilusório, são afunilados entre a trajetória pessoal e código pentecostal. A nova postura vai se adequando até sentir-se confortável, reduzindo a função do pastor ou da congregação de ensinar e guiar o convertido durante o processo. Os referentes culturais anteriores e os estilos de vida tornam-se mais plurais no interior dessas igrejas. A descontinuidade e o dualismo clássico contornam a narrativa de conversão: antes, o sofrimento, as perversões humanas, caos e falta de bom senso; depois, felicidade, conquistas e caos.

De acordo a um dos preceitos mais generalizados entre os evangélicos, a conversão deve ser de acordo ao livre-arbítrio do indivíduo; a entrega da responsabilidade é deliberadamente individual; constituindo um imperativo ético estruturante da religião. Os usos e costumes homogeneizadores do pentecostalismo histórico têm sido substituídos pela maior flexibilização dos costumes. Um exemplo bem claro disso, é a utilização por parte dos neopentecostais, do capital cultural afro-brasileiro, indicando uma apropriação e resignificação desse passado, ao invés de negá-lo completamente. Incorporando as referências e diferenças pessoais como recursos internos, os movimentos pentecostais tem se mostrado “mais flexíveis”. O transe é um bom exemplo para essa questão. É uma experimentação utilizada pelos pentecostais nos momentos da “expulsão dos demônios”, no choro convulsivo, na oração, na recepção do Espírito Santo; abrigando uma experimentação de outro tempo, necessário para elaborar o tempo de espera. O transe pentecostal, em sentido inverso ao afro-brasileiro, é utilizado como um instrumento na estratégia de conversão, visando mudar o indivíduo por inteiro. No estado



alterado de consciência, a disposição temporal elaborada pelo transe modifica as percepções de contexto e memória, concebendo de forma gratuita e plena o instante desejado a ser buscado no tempo de espera. Nesse momento, ele está aberto a uma nova disposição vaga e indeterminada, podendo ser preenchida por qualquer conteúdo, narrativa etc.

Após a conversão, há uma transformação no grau de liberdade com que se articulam os referentes culturais disponíveis, tendo a igreja como a articuladora do modelo que se quer mimetizar. A conversão pentecostal ocorre de forma muito plástica, com apropriação variada de um mesmo referencial religioso, articulando os diferentes níveis de continuidade e descontinuidade. Mudar de religião é levar em consideração a ambiguidade e a continuidade entre referentes sociais, religiosos e pessoais, atravessando a fronteira da conversão.

Apesar da conversão minimalista (Mafra, 2000) conceder ao indivíduo uma autonomia maior sobre as questões cotidianas, retirando uma parte da autoridade do pastor, da congregação, isso não significa que a subjetividade seja o elemento central na tomada de decisão. Os convertidos colocam seus desejos pessoais submetidos a uma força transcendental, que pode se manifestar tanto de forma subjetiva quanto concreta: “Isto quer dizer que mesmo que haja uma forte dose de voluntarismo nas dinâmicas pentecostais, ela é parte de uma perspectiva que inclui a existência de algo para além do sujeito, seja isto chamado realidade, evento, matéria ou mistério divino.” (Mafra, 2000)

Segundo Mafra (2000) o pentecostalismo contemporâneo possui uma relação flexível com a linguagem, tornando os milagres e determinações em coisas banais, cujo foco ou sentido vão se condensando com o desenrolar dos eventos. A valorização da recriação religiosa individual da Igreja Universal do Reino de Deus se baseia em criações coletivas atreladas a dinâmicas rituais e pouco institucionalizadas. Com a conversão minimalista o indivíduo articula o presente com o passado de forma mais autônoma e responsável, sem anular estabilizações e recorrências no interior das congregações religiosas, contrapondo-se a conversão máxima que necessita do grupo para controlar a adequação do converso à cosmologia pentecostal.<sup>1</sup>

---

<sup>1</sup> A Igreja Universal do Reino de Deus, por exemplo, orienta e admoesta constantemente os participantes dos seus ritos para que eles formulem com clareza e discernimento os resultados esperados na reunião. “Trabalhar o propósito” é uma categoria interna que diz respeito à elaboração dos frequentadores sobre suas expectativas na participação do rito, organizando-a, em primeiro lugar, segundo uma divisão pelos dias da semana — 2a, cultos da busca da prosperidade; 3a, culto pela saúde; 4a, dos filhos de Deus; 5a, da família; 6a, da libertação; domingo, do Espírito Santo. Os frequentadores aprendem a definir os propósitos e as expectativas que os levaram a participar da dinâmica ritual, de tal forma que o fiel compartimentalize o tratamento de seus problemas, apresentando a Deus,



Durante a experiência de transe ocorre uma recorrência a Jesus Cristo, na medida em que, a conversão abre tanto para um símbolo, quanto para uma ampla cosmologia pentecostal. Por amor a humanidade que o rejeitou, Cristo é o representante máximo da piedade. Durante o transe, o crente retorna ao seu lado mais “selvagem”, para livrar-se de sua trajetória, retornando dentro da possibilidade de ser resgatado e livre de suas idiossincrasias. Nesse sentido, na conversão minimalista não basta aderir a um padrão de comportamento pós-conversão, é necessário o seu autoconhecimento, como parte importante na ontologia si.

A conversão minimalista funciona como um instrumento para as sociedades pentecostais, abrindo uma possibilidade direcionada de reapropriação cultural, além do desenvolvimento de ações mais livres. A liberdade pentecostal é formada pela tensão individualizada entre necessidade e vontade, percepção e memória, reposição e inovação. Há uma valorização da relação entre a ação do sujeito diante das situações, ao invés de uma valorização da sua capacidade de criar e inovar mediante conceitos e projetos pessoais. A conversão minimalista (Mafra, 2000) preza as particularidades da experiência individual em detrimento do controle do grupo sobre a percepção individualista. Em consequência disso, cada vez a estória de conversão torna-se parte de um processo relativamente homogeneizador.

O testemunho de conversão não exige qualificação do seu narrador, ele apenas é incluído em um conjunto, onde o que importa é a experiência da revelação e sua multiplicidade. A garantia de adaptabilidade e multiplicidade é dada pela estrutura simples e minimalista na composição do discurso. As experiências comuns relatam as metamorfoses individuais, trazendo a oralidade para o primeiro plano. Não há necessidade de ser um contador de histórias, para transformar um relato pessoal em conselho: quem dá o testemunho não precisa ser criativo, na medida em que o fato relatado é da ordem da experiência da revelação vivida através da conversão. Diante disso, podemos reconhecer os relatos de conversão como um mecanismo de compartilhamento de experiências vividas. (Benjamim, 1994)

---

por exemplo, a questão da busca do emprego do marido na 2a feira e a falta de harmonia do casal na 5a. Metaforicamente, o corpo de especialistas — os bispos e pastores da Igreja Universal — nunca tem o domínio completo do corpo de teses que será apresentado a cada sessão ritual, aspecto que não é problemático no desenvolvimento do rito. O bom andamento do rito pentecostal depende menos do acordo dos participantes diante de uma (ou várias) tradição(ões) e mais da sua *performance*, ou seja, que os muitos candidatos aprendam a nomear os seus problemas e a reconhecer que instrumentos culturais estão acessíveis para enfrentá-los, lutando dessa forma pelo milagre que perseguem e que a cosmologia pentecostal garante que virá. A trajetória individual na conversão minimalista inclui um tempo para que haja a transformação existencial aberta ao inesperado e ao acaso. Essa temporalidade possibilita o desenvolvimento da relação humana, cujo objetivo final não é passível de definição, pois sempre há o risco de degeneração e fracasso.





Walter Benjamin no texto *O Narrador – Observações acerca da Obra de Nicolau Liescov* (1994) decreta que a Segunda Guerra, a imprensa, a modernidade são elementos que fizeram as experiências perdessem o seu valor. Devemos enquadrar a visão pessimista de Benjamin em sua temporalidade de escrita, que vê a modernização econômica acelerar o mundo social e do trabalho, mas que não teve a possibilidade de ver como a sociedade adequou suas experiências a novos estilos narrativos, tendo de fazer prognósticos, a partir do contexto sócio-político em que se encontrava.

Sendo assim, o relato de conversão também resgata a experiência cotidiana em meio às modificações técnicas impostas pela configuração da sociedade moderna. O testemunho está para a sociedade pós-industrial, assim como, o conto está para Benjamin, que destacou as realidades comuns através de grupos de artesãos. O homem adequado a este tipo de vivência aparece, na obra de Nicolau Lescov, em diferentes personagens, sem ter apenas uma referência. Já o testemunho, não é um gênero narrativo atento às trajetórias de vida ligadas a coletividade, ele responde aos relatos individuais de homens e mulheres que passaram por experiências de mudanças em suas vidas:

Se o conto engrandece o herói que as comunidades guardam em si nos fragmentos da vida de seus membros, o testemunho engrandece o efeito de metamorfose, deslocando o foco do herói para o ato heroico que, a princípio, deve reunir todos aqueles que participam do gênero: “a aceitação de Jesus”. (Mafra 2000)

Os motivos e o contexto que levam o sujeito à conversão, adicionados aos objetivos mais gerais, são o foco de atenção para o gênero testemunhal. Tendo a revelação como princípio básico, observa-se a luta, para que até o momento de sua ocorrência, o hábito ou a permanência das decisões diante dos fatos não se degenere. Portanto, a revelação funciona de forma anunciada e repetida na narrativa e, de forma única e surpreendente. O princípio da revelação é o que inclui a narrativa no gênero testemunhal, apresentando uma estrutura circular, desenvolvendo-se segundo a importância da revelação na vida do personagem. Em sentido oposto, no conto a revelação surge como um elemento surpresa, diante de um desenrolar inusitado de uma história, que se desenvolve de forma surpreendente. No testemunho a revelação é o princípio e o fim de uma história; no conto, geralmente, ela surge no final, de forma misteriosa e única, com menor propensão ao desgaste em seu desdobramento.



Sendo assim, os dois gêneros narrativos apresentam algumas similaridades, como por exemplo, a importância da experiência do narrador, oralidade e as narrativas se desenvolvem no cotidiano. Porém, essas similaridades são apenas superficiais, na medida em que no conto, a autoria é mais elaborada; a narrativa é singular e simples, fazendo com que a revelação venha à tona em seu aspecto único. O conto é da ordem do compartilhamento coletivo. Como já foi descrito, no testemunho a revelação é o começo e o fim, além de ocupar o corpo principal do texto e, introduzir as narrativas individuais no gênero. Ela só se realiza a partir da ampliação no número de autores, possui circularidade e minimalismo estrutural, que permite a multiplicação do gênero, sendo pessoal e intransferível. A narrativa de conversão é dirigida ao público das igrejas ou mídia evangélica que futuramente irá produzir novas narrativas. De maioria humilde e de baixa escolaridade, são experiências de vida de mulheres e homens comuns, componentes das massas na sociedade atual.

A experiência individual é o elemento constitutivo do testemunho, onde a singularidade dos relatos pouco importam. Em oposição simétrica está o romance, por exemplo, cujo destaque é dado à experiência individual entre tantas outras, para revelar-se em sua solidão e idiossincrasia. As diferenças entre as histórias são estabelecidas com explícito relativismo entre elas. A comensurabilidade é o destaque das narrativas testemunhais, na situação de contraste entre esta e o romance. O testemunho abrange todas as experiências durante a história de Cristo, servindo como figura exemplar para cada indivíduo, seja como algoz, vítima ou híbrido entre as posições.

## **IDENTIDADE:**

Um discurso pode referir-se a uma simples conversa ou a uma comunidade linguística, denotando uma versatilidade de significados. Nesse artigo ele está sendo trabalhado como uma prática social. A linguagem não nasce por impulso dos homens, mas sim de sua interação com o coletivo, ou seja, nossa comunicação com meio externo se adapta de acordo as nossas possibilidades de expressão. Por mais simples que seja, a linguagem não teria sentido de existir se não fosse diante da nossa necessidade de enunciação no plano social.

A habilidade de lidarmos com a linguagem não é simplesmente uma conquista de nosso complexo mecanismo cerebral e fonológico modelados através de milênios de evolução mas, notadamente, uma conquista da fundação e



manutenção da vida em sociedades, e é através da experiência social que nos tornamos capazes de direcionar o nosso discurso... (Santos, 2009)

A construção social e não a linguagem, é o fato significativo do discurso enquanto prática social, no qual estão presentes ideologias (político-econômicas) hegemônicas e, contra-hegemônicas no desenrolar deste processo ativo. O discurso é uma forma de agir sobre o mundo, pois cria e sustenta significados que tem a capacidade de emponderar pessoas e ou grupos em detrimentos de outros. Ele constrói crenças, relacionamentos e conhecimentos intrinsecamente ligados ao exercício de poder. Antes de ser propagado, é selecionado, organizado, distribuído e controlado para representar os interesses de manutenção do poder em dada comunidade ou instituição (Foucault apud Santos, 2007), além de restringir e aumentar cada vez mais a disparidade de poder pela inclusão e legitimação dos discursos daqueles que fazem parte do poder e excluindo aquele que não faz parte. Sendo assim, as convenções sociais são à base de um discurso que serve para regular a visão de mundo de seus participantes.

Segundo Foucault (apud Santos, 2007), um dos procedimentos de exclusão mais comuns através da linguagem é a interdição. O indivíduo sabe que não tem o direito de dizer tudo, não deve falar sobre tudo e deve levar em consideração o momento e as circunstâncias. Há também a exclusão simples e eficaz do discurso de quem é colocado à margem, por exemplo, as pessoas convertidas devem rejeitar completamente (ou resignificá-lo sob a tutela do novo grupo de fé) o discurso de sua antiga religião e, às vezes, negar constantemente o discurso religioso de outras religiões.

A atribuição de verdade a um tipo específico de discurso político e ideológico, direcionando a atuação do indivíduo na sociedade de forma mais sutil, por ser um discurso comum dentro do conjunto apropriado pela comunidade, representa a terceira forma de exclusão analisada por Foucault (apud Santos, 2007). Diante disso, em muitos contextos, as práticas de exclusão organizam os discursos. Estes são divididos dentro da sociedade, geralmente, a partir do paradigma de quem está mais próximo. Além do conhecimento linguístico dos participantes, os discursos devem ser formatados de acordo a inteligibilidade dos ouvintes. Para tanto, deve-se obter informações sobre o contexto local, por meio de práticas locais, para ter fundamento dentro da interação.

Os processos ideológicos são os norteadores do discurso, construídos dentro de convenções que podem ser mais ou menos naturalizadas e automatizadas, caracterizando práticas sociais que se realizam sem considerar a consciência ou não dos indivíduos envolvidos



no processo. As práticas discursivas da nossa sociedade podem ser assimiladas de forma mais eficiente quando são agregadas, transformando-se em status de senso comum. No entanto, isso não quer dizer que as pessoas não possam utilizar discursos de mudança nas relações sociais de dominação ou que estejam inconscientes ao tomarem decisões em suas vidas, por exemplo, ao se converterem a outra religião.

Apropriando-me do pensamento de Foucault (2006) em seu capítulo *A escrita de si*, no que tange ao espaço das experiências vividas, o exercício do pensamento está associado à escrita de duas maneiras diferentes. A primeira é mais linear, compreendida entre a mediação e atividade da escrita e desta ao *gummazein* (adestramento na situação real e à experiência): trabalho de pensamento, trabalho de escrita, trabalho na realidade. A segunda é circular, refere-se à meditação que precede as notas, permite a releitura, revigorando a meditação. Independente de qual ciclo seja, a escrita é uma etapa fundamental no processo para o qual tende toda a *askêsis*, ou seja, os discursos elaborados são reconhecidos como verdadeiros em princípios racionais da ação. A escrita tem como elemento de treinamento de si, uma função *etopopiéiti*: ela funciona como operadora da transformação da verdade em êthos.

Os *hupomnêmata* podiam ser registros públicos, cadernetas de anotações individuais, utilizados por um público considerado “mais culto” como “guia de conduta”. Esses espaços de anotações serviam para citações, exemplos que foram testemunhados, ou narrativas que foram lidas, pensamentos ouvidos. Essas experiências constituíam uma memória material das coisas lidas ou pensadas, assim, seu acúmulo poderia servir para a releitura. Serviam também para a elaboração de tratados mais sistemáticos, para solucionar algumas faltas como inveja, lisonja ou para superar situações difíceis como exílio, desgraça.

Foucault (2006) não considerava os *hupomnêmata* como um simples suporte de memória, servindo apenas como anotações de consulta em momentos de necessidade. Eles não repõem a possível falha da memória, mas servem para enquadrar práticas a serem repetidamente executadas: ler, reler, etc. Porém, muito mais do que serem chamados à consciência, devem se tornar prática, tão logo seja necessário. Os aprendizados anotados nos cadernos saem do âmbito das lembranças e transformam-se em hábito, tornando-se importante na subjetivação do discurso.

Além disso, apesar da similaridade com as experiências de nível individual, tais anotações não devem ser vistas como narrativa de experiência espiritual (lutas, vitórias), com



recursos e soluções encontrados na literatura cristã. Eles não relatos de si cuja confissão (oral ou escrita) tenha o objetivo de purificar a alma. O objetivo é justamente o inverso, não se busca revelar o oculto, mas sim, captar aquilo que já foi dito, reunindo o que se pode ler ou ouvir para, a partir disso, construir sua identidade. A construção de si implica na junção de experiências, aliadas a aprendizagem por meio dos livros, criando um passado no qual sempre é possível retornar e se afastar.

Essa prática recusa pensar no futuro, devido sua incerteza e o valor positivo de um passado, devido sua possibilidade de construção. A alma é desviada da preocupação com o futuro, onde o que importa é refletir sobre as ações do passado. As anotações são pautadas por dois princípios, a verdade da sentença e o seu valor circunstancial de uso:

A escrita como exercício pessoal praticado por si e para si é uma arte da verdade contrastiva; ou, mais precisamente, uma maneira refletida de combinar a autoridade tradicional da coisa já dita com a singularidade da verdade que nela se afirma e a particularidade das circunstâncias que determinam o seu uso. (Foucault, 2006)

A troca de correspondências permite o exercício pessoal por meio da escrita e age sobre aquele que lê. Os conselhos dados também servem de preparação para si próprio, diante de uma situação semelhante. Além do conselho e da ajuda, a reciprocidade oferece o exame do aprendizado, tornando o discurso subjetivo. Sendo assim, destaco a importância das cadernetas, das correspondências, como fundamentais na questão da interação social, na medida em que por meio da troca de discursos, conselhos, há influências na elaboração do processo identitário.

Sem desconsiderar a multiplicidade de visões, Santos (2007) define duas formas básicas para a compreensão da identidade: a primeira parte do conjunto de características fixas que uma pessoa ou grupo de pessoas possui, sendo reconhecidas no tempo e espaço em que transitam. Esse conjunto de comportamento e ideias é conduzido por uma visão fisiológica, onde o indivíduo será conduzido por elas até o fim de sua existência. A segunda forma de se entender o fenômeno da identidade é através de uma visão não fisiológica, mas sim, através da percepção de que a identidade pode se modificar por possuir múltiplas influências do tempo e da interação social dos indivíduos. Nossas expectativas e limitações sociais sofrem - mesmo achando que nossas ações são as mesmas, independente do contexto – adequações proporcionais aos ambientes frequentados. As relações sócio-econômicas influenciam as identidades, que se subordinam às diversas formas de interação. Diante disso, deve-se levar em conta a influência



das imposições sociais na construção de nossas identidades com quais nos confrontamos diariamente.

O fenômeno relacional (formado a partir da interação do indivíduo com a sociedade) constrói a identidade através daquilo que não se quer com a pretensão daquilo que se quer. Trazendo para o espaço da conversão, isso fica bem exemplificado, em como a construção da identidade evangélica se distancia do grupo dos não evangélicos e incorpora as práticas comuns dos membros de seu grupo. De acordo as formas de imposição da interação, a multiplicidade de identidade implica nas influências de etnia, sexualidade, etc. Essas mesmas características podem gerar conflito dentro e fora dos grupos sociais em determinados contextos de atuação do indivíduo.

Partindo do princípio de que o indivíduo pode agir de diversas maneiras, em diferentes meios, o aspecto conflitivo reflete também o lado contraditório da identidade. A pessoa pode participar, ao mesmo tempo, de uma prática religiosa comum dentro da comunidade na qual vive e de outras formas de religiosidade menos comum:

No Brasil, por exemplo, não é raro se encontrar pessoas que praticam o cristianismo católico ao mesmo tempo em que freqüentam rituais de religiões afrobrasileiras como a Umbanda e o Candomblé (Steil apud Santos, 2001). Recentemente descobri através de uma troca de e-mails que na Inglaterra, é possível encontrar pessoas que freqüentam a Igreja Anglicana ou a Luterana e, em seus lares, pratiquem rituais wicca ou outros provindos de tradições antigas como o druidismo e a religião celta. (Santos, 2007)

As práticas discursivas constroem e são construídas por meio das identidades dos indivíduos e da interação discursiva. Foucault (Santos, 2007) defende que a produção do discurso e, por tabela, das identidades “é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos”, o que implica que “não se tem o direito de dizer tudo, que não se pode falar de tudo em qualquer circunstância”. A nossa identidade social é, na visão de Foucault, determinada por um conjunto de fatores estruturais da narrativa (palavras, estrutura de sentença e da narrativa), que permite nossa interação social. A estrutura narrativa é construída socialmente, com moldes ideológicos com assimilação nem sempre consciente e, além do uso da linguagem, abrange representações de mundo, crenças e etc. Sendo assim, com a imposição das regras do jogo social, acabamos usando tais estruturas narrativas de forma a adequar as práticas de identidade no contexto interacional.



Para efetuarmos nossas escolhas temos que ter consciência das mesmas, fator este que nos possibilita exercer nossa identidade social e lidarmos com as restrições da sociedade. A definição de consciência perpassa pela ideia de que mesmo sofrendo a ação de forças sociais hegemônicas, conservadoras, o indivíduo tem responsabilidade para direcionar seu horizonte de escolhas. A relação entre indivíduo e coletividade é outro aspecto da identidade, na medida em que nossas experiências são negociadas pela interação com outros indivíduos dentro das comunidades das quais participamos. Narrativa é um campo tão flexível que sua definição é determinada pela área de estudo dentro de um contexto específico.

Quanto a sua estrutura, a narrativa está organizada em uma sequência temporal, resgatando as experiências passadas, com um fim e pode ser contada. Porém, apesar de expandir o campo para os estudos linguísticos envolvidos, o relato não problematiza a relação do passado, da memória e da narrativa. (Bastos apud Santos, 2007) Além de narrar um evento passado, não há apenas a (re)construção desse evento, mas também, interpretações acordadas mediante suas representações. Os fatos são narrados de forma que se adequem há determinados objetivos. Narrar expõe de forma dinâmica aquilo que somos, relacionando-se de forma íntima e direta com a construção identitária.

## **CONCLUSÃO:**

Assim, os processos de construção das identidades são compreendidos melhor por meio dos estudos das narrativas através do ato de relatar suas histórias. As narrativas são construídas com base nos eventos e ações passadas utilizadas para construir vidas. As histórias de conversão funcionam como uma tentativa de adequação ou reconstrução das identidades a uma nova estrutura social. O narrador se depara com a situação e a estrutura social, levando a narrativa a ser considerada uma ação situada entre fatos e personagens relacionados a ele próprio e com seu interlocutor.

As formas de estudar as narrativas são múltiplas e amplas, porém, como estou falando de identidades e relações sociais, o desenvolvimento deste artigo leva em consideração a construção das narrativas tendo como pauta o contexto anterior a mudanças (motivações), como ela ocorre e a importância do presente como o construtor da visão a respeito desse passado. A maneira como as pessoas ligam elementos aleatórios para realizar a construção



narrativa, conferindo unidade e coerência à existência dos envolvidos no plano individual e coletivo em sua diversidade contextual.

As narrativas de conversão são memórias selecionadas e atreladas a perspectiva do presente. O uso de recursos linguísticos particulares é sinônimo de um tipo de relato como prática institucional, com recorrência de formas e tramas, evidenciando a construção identitária coletiva e o contexto institucional dos participantes. A *performance* discursiva é marcada pelo discurso direto, ritmo e imagem que provocam o envolvimento de seu ouvinte/entrevistador.

### **Referência:**

BENJAMIN, W. “O Narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov”. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre a literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

FOUCAULT, M. “A escrita de si.” In: *Ditos e escritos V. Ética, sexualidade, política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006

HALBWACHS, M. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.

MAFRA, Clara. “Relatos compartilhados: experiência de conversão ao pentecostalismo entre brasileiros e portugueses.” *Mana*, vol. 6, n. 1, 2000. [www.scielo.br]

SANTOS, William Soares; BASTOS, Liliana. “Me tire de todos os laços que eu não agüento mais” – memória e a construção do sofrimento em uma narrativa de conversão religiosa. *ReVEL*, vol. 7, n. 13, 2009. [www.revel.inf.br].

\_\_\_\_\_. *O longo Caminho até Damasco: rede de mudança e fluxo de mudança em narrativas de conversão religiosa*. Tese de Doutorado. Programa de pós-graduação em letras. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2007.